



Câmara Municipal de São Paulo ***Vereador Francisco Chagas***

POL 100/10

JUSTIFICATIVA

Virgílio Gomes da Silva, assim como milhões de cidadãos brasileiros nascidos no Nordeste, começou vencendo a miséria.

Retirante, nasceu em 15/08/1933 em Sítio Novo, Distrito de Santa Cruz/RN.

Saiu do sertão do Rio Grande do Norte nos anos 50 para tentar a vida em São Paulo, para onde veio quando tinha 18 anos de idade, onde o começo foi muito difícil, chegando a dormir em bancos de praças por falta de recursos.

Era filho de Sebastião Gomes da Silva e Isabel Marinho de Carvalho

Em São Paulo, na década de 50, começa a trabalhar na Cia. Nitroquímica, sediada em São Miguel Paulista e se associa ao Sindicato dos Químicos de São Paulo e Região e por meio das lutas sindicais, adquiriu consciência política e tomou contato com as idéias socialistas do Partido Comunista Brasileiro – PCB, ao qual se filia no ano de 1957.

Era um trabalhador e sindicalista incansável, destacando-se por seu desprendimento e disposição, não tinha descanso, “nem dava trégua para a indolência, uma expressão que costumava usar.”

Teve ampla participação no Movimento Grevista de 1963 na cia. Nitroquímica, cuja bandeira de luta era conseguir o 13º salário para todos os trabalhadores. Logo depois veio o golpe militar de 64, dirigentes sindicais foram cassados, ativistas sindicais e políticos como Virgílio perseguidos e presos.

Virgílio ficou preso por 4 meses nessa época, quando passou a usar o codinome de “Jonas” nas atividades sindicais e políticas, já que na luta política clandestina ninguém podia usar seu nome verdadeiro, para evitar riscos para si e demais companheiros de lutas.

Após a institucionalização da ditadura através do golpe militar de 1964, Virgílio passou a assumir posição destacada na luta dos trabalhadores contra a opressão, ingressando na ALN – Ação Libertadora Nacional, grupo de resistência da esquerda armada, onde adotou o codinome de “Jonas”, tornando-se assim como outros milhares de brasileiros, um lutador incansável contra os horrores e desmandos do regime militar, que havia quebrado a normalidade institucional e constitucional do Brasil através do golpe militar de 64.

Na sua trajetória na luta armada contra o regime de exceção, menos de 1 mês após ter comandado através da Ação Libertadora Nacional – ALN, uma das ações mais espetaculares da luta da resistência contra a ditadura, que foi o seqüestro do Embaixador americano no Brasil Charles Elbrick e sua troca pela



Câmara Municipal de São Paulo

Vereador Francisco Chagas

liberdade de 15 presos políticos do regime e seu exílio no exterior, entre eles José Dirceu, Ricardo Zarattini, Wladimir Palmeira, Gregório Bezerra, Luis Travassos, José Ibraim, Flávio Tavares, entre outros, Virgílio foi preso na capital na Avenida Duque de Caxias e brutalmente assassinado sob tortura no mesmo dia, na sede da famigerada Operação Bandeirantes, OBAN, no dia 29/09/1969, com apenas 36 anos de idade.

No entanto, apenas no ano de 2004 sua família, amigos e antigos companheiros de luta tiveram a confirmação da sua morte, através da divulgação de um laudo do IML da época da ditadura, que atestava sua morte depois de ser brutalmente torturado nas dependências da famigerada Operação Bandeirantes – OBAN.

O laudo de IML registra a barbárie cometida pelos torturadores e assassinos contra Virgílio: a maioria dos seus ossos foram quebrados, seus órgãos internos destruídos, os olhos foram arrancados e o único órgão vital que permaneceu íntegro foi seu coração.

Seus restos mortais ainda se encontram em local desconhecido, supostamente no Cemitério de Vila Formosa, na capital, para onde eram levados secretamente os corpos dos que caíam vítimas da violência dos órgãos de repressão da ditadura militar. Virgílio ou “Jonas” foi o primeiro desaparecido político do regime militar.

Logo após sua prisão e morte pela ditadura, sua mulher e viúva Ilda e três de seus filhos, então apenas crianças: Vladimir, Virgílio e Isabel, esta a caçula e então um bebê de apenas quatro meses de idade também foram presos. As crianças foram encaminhadas depois para abrigos de menores e posteriormente entregues a seus familiares. Sua esposa Ilda ficou presa durante 9 meses no Presídio Tiradentes, que abrigava o DOI-CODI, sem nenhuma acusação formal nem registro pelos órgãos de repressão. Após sua libertação, Ilda conseguiu com ajuda de companheiros viajar para o Chile e depois para Cuba, onde viveram por cerca de 18 anos, país no qual as crianças cresceram, estudaram e se formaram, havendo retornado ao Brasil no início da década de 90. Seu filho Gregório é engenheiro civil; Virgílio é engenheiro mecânico e industrial e Isabel é geóloga e professora de espanhol.

Declarações de sua viúva, Dona Hilda: “ Virgílio tinha pouco estudo, mas aprendeu muito com a militância do PCB e da ALN, sabia que corria perigo, mas era um lutador. Morreu na prisão. Desde sua morte, nós, a família e companheiros procuramos por ele, sem descanso. Vai ser uma emoção muito grande quando soubermos onde estão seus restos mortais. Eu nunca pude enterrar meu marido, levar uma flôr no seu túmulo. Para mim, continuo torturada. Tudo o que queremos é a abertura dos arquivos, a localização do



Câmara Municipal de São Paulo ***Vereador Francisco Chagas***

corpo, e quem sabe, a punição dos nossos torturadores. Ele não tinha dó do corpo dele e deu a vida pela liberdade, foi um revolucionário.”

Virgílio atuou no movimento sindical e político desde a década de 50 e 60, e depois na luta contra a opressão da ditadura militar que se instalou no Brasil, participando das grandes lutas dos trabalhadores do período, sendo um exemplo de trabalhador engajado nas lutas sociais e na defesa dos interesses da sociedade. Ele foi morto no auge do endurecimento, repressão e brutalidade do regime militar, mas sua luta não foi em vão.

À luta dos milhares de brasileiros que como Virgílio se levantaram contra a tirania, a opressão, a injustiça e a iniquidade desse período da nossa história, homens e mulheres no frescor da sua juventude ou na plenitude da vida, devemos a redemocratização do nosso País e hoje as plenas garantias democráticas que nossa sociedade desfruta e a plenitude do Estado de Direito.

Estas são as razões e motivos que me levaram a propor o presente Projeto de Decreto Legislativo, concedendo a Honraria do Título de Cidadão Paulistano “in memoriam” a Virgílio Gomes da Silva, o “Jonas”, que submeto a análise e aprovação dos demais Nobres Pares, tendo a certeza de prestar uma justa e digna homenagem a memória deste cidadão que lutou contra a injustiça e opressão da ditadura militar e por um País melhor para seu povo e também a sua Viúva Ilda, seus filhos Gregório, Vladimir, Virgílio, Isabel, familiares e antigos companheiros de luta.

Sala das Comissões.